

## DIALOGISMO, POLIFONIA E PRÁTICA DISCURSIVA: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Dione Márcia Alves de MORAES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto apresenta o recorte de um estudo sobre a escrita de futuros professores e a sua relação com a produção de conhecimento nas universidades. Neste recorte, apresentamos o estudo desenvolvido com discentes da turma de Letras Língua Portuguesa da disciplina de Estágio III - que ministramos na Universidade Federal do Pará (UFPA) *campus* de Marajó-Breves. Tratamos o entendimento do que seja a produção, a circulação e a recepção de um relatório de estágio a partir de conceitos como dialogismo, polifonia e prática discursiva. Embasados em teóricos como Bakhtin/Volochinov (2010), Ducrot (1987) e Maingueneau (1997, 2008), nossa pesquisa procura discutir a produção escrita universitária a partir da perspectiva da análise do discurso e se configura como uma pesquisa ação. Nosso objetivo consiste em refletir sobre a construção linguística nos relatórios de estágio como produção de sentido em determinada prática discursiva, relacionando com as concepções de dialogismo e polifonia. Com a discussão feita, concluímos que a produção de uma discussão por meio das concepções de dialogismo, polifonia e prática discursiva pode ajudar-nos a entender o porquê de o estagiário “dizer o que diz” produzindo sentidos diversos na constituição linguística de seu relatório de estágio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relatórios de estágio; Produção de sentidos; Dialogismo, Polifonia e Prática Discursiva.

**ABSTRACT:** This paper presents a study about the writing of future teachers and its relation with the production of knowledge in universities. In this section, we present the study developed with students of the Class of Portuguese Language class of the discipline of Stage III - which we teach at the Universidade Federal do Pará (UFPA) *campus* Marajó-Breves. We deal with the understanding of the production, circulation and reception of an internship report based on concepts such as dialogism, polyphony and discursive practice. Based on theorists such as Bakhtin \ Volochinov (2010), Ducrot (1987) and Maingueneau (1997, 2008), our research tries to discuss university writing production from the perspective of discourse analysis and is configured as action research. Our objective is to reflect on the linguistic construction in the reports of stage as production of meaning in a particular discursive practice, relating to the conceptions of dialogism and polyphony. With the discussion, we conclude that the production of a discussion through the conceptions of dialogism, polyphony and discursive practice can help us to understand why the trainee "say what he says" producing different meanings in the linguistic constitution of his report Internship.

**KEYWORDS:** Internship reports; Production of meanings; Dialogism, Polyphony and Discursive Practice.

---

<sup>1</sup> Doutoranda/bolsista CAPES em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. CEP 68740-001 Castanhal-Pará. E-mail: [dionemoraes15@gmail.com](mailto:dionemoraes15@gmail.com)

## **Introdução**

Apresentamos neste trabalho o recorte de uma pesquisa que desenvolvemos sobre a escrita construída por professores em formação nas disciplinas de estágio supervisionado, apontando essa escrita como lugar de produção de conhecimento, reflexão, entre outros. Este recorte está incluído em uma pesquisa maior que desenvolvemos no projeto “A escrita sobre as práticas de ensino em licenciaturas do Brasil, da Costa Rica e de Honduras: registro, análise e produção de conhecimento” (CNPq 458449/2014-8).

Neste texto, apresentaremos uma discussão, a partir de concepções teóricas diversas (dialogismo, polifonia e prática discursiva), sobre a escrita dos registros pedagógicos nas disciplinas de Estágio Supervisionado Estágio III (Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental) do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA) *campus* de Marajó-Breves. Essa disciplina foi ministrada em treze dias (16\02 a 29\02\2016), nos quais apresentamos teóricos, orientamos a construção de planos de aula, organizamos as aulas que seriam dadas no Ensino Fundamental e orientamos a escrita dos relatórios. No período que ministramos a disciplina, a maioria das escolas do Ensino Fundamental do referido município estava com as aulas paralisadas devido a uma greve nas escolas, com exceção de o colégio Santo Agostinho. Essa escola cedeu-nos quatro turmas (duas de manhã e duas à tarde) para que o estágio fosse realizado. Desta forma, decidimos, junto com os estagiários, fazermos oficinas que seriam ministradas por grupos constituídos por três discentes nas salas da universidade durante dois dias.

Em nosso estudo, sem ignorar a importância do trabalho de campo docente como estagiário e das discussões levadas para a sala de aula sobre essa experiência, observamos que, para um melhor aproveitamento desta prática, é necessário que, através da escrita, o discente reflita, produza conhecimento, faça um trabalho de pesquisa e possa modificar-se. Por esse motivo, como objeto de estudo em nossa pesquisa, tomamos a escrita do estagiário sobre as práticas e não as próprias práticas.

Neste artigo, relacionaremos o tratamento que damos ao nosso objeto de estudo, por meio do dialogismo de Bakhtin\Volochinov (2010) e da polifonia de Ducrot (1987), com uma

discussão feita a partir da concepção de prática discursiva de Maingueneau (1997, 2008). Apresentamos uma pesquisa que busca discutir a produção escrita universitária a partir da perspectiva da análise do discurso e se configura como uma pesquisa ação. Para o recorte que estamos apresentando, destacamos nosso objetivo geral em refletir sobre a construção linguística nos relatórios de estágio como produção de sentido em determinada prática discursiva, relacionando com as concepções de dialogismo e polifonia. Apresentamos como objetivos específicos:

- a) mobilizar os conceitos de dialogismo e de polifonia para a análise dos relatórios de estágio;
- b) identificar como a prática discursiva, a partir de restrições semânticas globais, interferem na construção linguística do relatório;
- c) relacionar a produção de sentidos, a partir dessas concepções, na construção do relatório.

Este texto apresenta uma seção denominada de “Dialogismo, Polifonia e Prática discursiva”, onde apresentaremos os conceitos discutidos, relacionando-os com a produção de relatórios de estágio. Esta seção é subdividida em outra que se intitula “Restrições Semânticas Globais: Plano do vocabulário e Plano da intertextualidade”, na qual apresentaremos, separadamente, dois planos discursivos (vocabulário e intertextualidade) que sofrem restrições semânticas, nos quais, abordaremos o nosso objeto de estudo.

### **Dialogismo, polifonia e prática discursiva**

Em nossa pesquisa para a construção da tese de doutorado, entendemos que produzir um texto escrito é expressar-se através de enunciados, desta forma, a produção escrita na universidade – mais especificamente, a construção de relatórios de estágio – é a manifestação de enunciados diversos. Em nosso estudo, a partir de autores como Bakhtin/Volochinov (2010) e

Ducrot (1987), procuramos analisar a constituição linguística do relatório e as produções de sentidos produzidas, entre outros.

A concepção de prática discursiva, principalmente de Maingueneau (1997, 2008), nos apresentou a possibilidade de estender a compreensão sobre quais condições permitem a produção desses relatórios, a sua constituição linguística etc. A partir desta concepção, apresenta-se a compreensão de que produzir um texto é estar imerso em uma prática, é realizar uma ação dentro de uma comunidade discursiva. Assim, procuraremos mostrar, neste artigo, essas duas compreensões, destacando o entendimento que a concepção de prática discursiva nos possibilitou.

A partir de Bakhtin\Volochinov, compreendemos que a construção do relatório é um diálogo (inerente à linguagem) entre quem escreve (locutor) e os leitores reais e\ou prováveis (interlocutores). Assim, levamos em conta a concepção de Bakhtin\Volochinov (2010, p. 127) quando afirmam que “o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa (...)”.

Bakhtin\Volochinov (2010, p. 116) definem que a enunciação é:

o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social a qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor (...)

Em outras palavras, a enunciação é de caráter social, dirige-se a alguém real e\ou provável e modifica-se de acordo com esse interlocutor, tornando-se produto dessa interação verbal. Isso nos permite dizer que selecionamos a palavra de acordo com nosso interlocutor, procurando responder a seus possíveis posicionamentos como discordância, refutação, assentimento etc. Desta forma, corroboramos com a afirmação de Bakhtin/Volochinov (2010, p. 117):

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma função muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada pelo fato *de* que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte (...). A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim em uma extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Nos relatórios de estágio analisados, os estagiários apresentam marcas de dialogismo nos enunciados construídos, parecendo responder, principalmente, a um interlocutor que questiona, refuta, avalia etc. Essas marcas dialógicas evidenciam-se em alguns momentos, como, por exemplo, no excerto destacado de um relatório produzido por estagiários de Estágio III (UFPA *campus* Marajó-Breves):

- (1) As dúvidas sobre os comandos das questões surgiram igualmente, como surgiram nos comandos das questões do primeiro exercício proposto e foram sanadas **da melhor forma possível** pelas estagiárias J e M2.

Nesse enunciado, pode-se observar o aspecto dialógico da linguagem quando as estagiárias parecem responder, no trecho analisado, a “interlocutores prováveis”. Esse caráter dialógico evidencia-se em alguns momentos, como, por exemplo, no trecho em negrito “da melhor forma possível”. Nesse trecho destacado, a qualidade da explicação das estagiárias é descrita na forma de exclusão de um pressuposto ponto de vista negativo. Da mesma forma, o uso do modalizador “possível” ao final do termo parece refutar possíveis questionamentos sobre uma pretensa alegação das estagiárias de terem dado “a melhor explicação”. Assim, as estagiárias fazem uso de termos genéricos que parecem excluir antecipadamente a possibilidade de uma crítica implícita. Por outro lado, observemos que dizer “da melhor forma *possível*” é diferente de dizer “da melhor forma” ou dizer que “os problemas foram resolvidos”. Isso porque o uso do modalizador “possível” indicia uma escalaridade argumentativa: de um lado, temos a pior explicação; do outro temos a melhor explicação e; em algum lugar entre as duas, temos “a melhor explicação *possível*”. O uso desse modalizador parece subentender um ponto de vista onde as dificuldades dos alunos *não* foram resolvidas, assim, aproxima-se mais da “pior explicação”.

Outro autor que utilizamos em nossa pesquisa é Ducrot (1987). Em sua concepção de polifonia, o autor defende que, nesse mesmo discurso escrito, podemos encontrar enunciadores diferentes que apresentam pontos de vistas diversos (concepções teóricas apreendidas, documentos oficiais, concepções de ensino\aprendizagem etc.) Nas palavras de Ducrot (1987, p. 192), enunciadores são

estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem para tanto se lhe atribuíam palavras precisas, se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras.

Isso possibilita que o texto apresente enunciados de enunciadores que discordam uns dos outros, defendendo posições diversas (inclusive, sem que nenhuma se sobressaia), o que constituiria o discurso polifônico. Esses posicionamentos, presentes no discurso, são administrados pelo locutor que é “responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (DUCROT, 1987, p. 193). Segundo o autor, o locutor pode assimilar um desses pontos de vista e destacá-lo em sua enunciação. Assim, podemos encontrar no interior do relatório de estágio, de forma equivalente, enunciadores que defendem, por exemplo, pontos de vistas diferentes.

Podemos, por exemplo, comparar dois enunciados que podem ser encontrados em pontos diferentes de um relatório:

- (2) a aula do professor é tradicional, **mas**, ainda assim, os alunos aprendem
- (3) os alunos entendem, **porém** a metodologia do professor é tradicional

Nesses excertos, o locutor apresenta-se como responsável pelas duas enunciações que arrolam o entendimento dos discentes com a postura do professor da escola, porém, é preciso observar que os enunciados apresentam dois pontos de vista diversos. Notamos que, conectivos adversativos (como o “mas” e o “porém”), geralmente introduzem o argumento mais forte no enunciado. Desta forma, no primeiro enunciado, o ponto de vista destaca o fato de os discentes aprenderem, “perdoando” a metodologia do professor. O primeiro argumento apresenta que a aula do professor é “tradicional” (neste caso, significa que a aula não é “boa”, não está de acordo com as “novas tendências” de ensino etc.), assim, o esperado seria que os alunos não conseguissem aprender. Entretanto, podemos perceber que o uso do conectivo “mas” quebra a expectativa produzida nesse primeiro argumento e destaca o que é apresentado no segundo (que, sim, os alunos aprendem).

Por outro lado, no segundo enunciado apresenta-se uma inversão da posição dos argumentos, no qual o ponto de vista valoriza a forma de o professor da escola ministrar a aula, notamos assim, novamente, o destaque para o segundo argumento que neste caso é a metodologia do professor. Destarte, o primeiro argumento afirma que os discentes aprendem, então, o esperado seria que a aula do professor fosse “boa” (interessante etc.), porém, novamente, temos a quebra dessa expectativa no segundo argumento (“**porém** a metodologia do professor é tradicional”), pois a aula não é “boa”. Esse argumento é introduzido pelo conectivo “porém” que imprime maior importância à informação sobre a aula de o professor ser “tradicional”. Destaca-se o ponto de vista sobre a (má) qualidade da metodologia do professor, isto é, o fato dos alunos aprenderem não é suficiente para “perdoar” o professor pela sua forma de dar a aula.

Como pudemos observar a partir dessa breve explicação sobre a forma como procuramos discutir a produção dos relatórios em nossa pesquisa, buscamos fazer uma reflexão acerca da construção de sentidos construídos linguisticamente no próprio relatório de estágio. Em outro momento, embasados na noção de prática discursiva, levantamos os seguintes questionamentos: para a produção do discurso escrito é preciso que haja condições que possibilitem que ele seja produzido, mas como isso ocorre? Quais são as condições que permitem e tencionam essa construção?

Segundo Maingueneau (1997), o discurso não é apenas uma representação do mundo, visto que ele faz parte desse mundo. Assim, o autor aborda a construção do discurso em sua relação com *prática discursiva*: “falaremos de **práticas discursivas** para esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso” (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifo do autor). Em outras palavras, o conceito de prática discursiva refere-se a essa relação indissociável entre a produção de textos e a constituição de um grupo que produz esses textos, mas que também é produzido por eles. O autor procura delinear a concepção de prática discursiva em uma noção que agrega

dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de **comunidade discursiva**, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifo do autor)

Em relação à escrita de relatórios, a *formação discursiva*, que rege tanto a produção de textos quanto a organização da comunidade discursiva a qual esses textos pertencem, seria as restrições que determinam quais critérios necessários para que esses enunciados sejam reconhecidos como um relatório de estágio. E podemos dizer que a *comunidade discursiva* (que também sofre restrições) seria as relações existentes entre diversos sujeitos que fazem parte dessa comunidade, como o estagiário que produz o texto como requisito avaliativo, o professor formador que orienta a construção do relatório, cumprindo a sua função de orientador do estágio etc.

Assim, a produção de um discurso (incluindo a construção do relatório de estágio) passa por um conjunto de *restrições semânticas globais* no qual:

O caráter “global” dessa semântica se manifesta no fato de que ela restringe simultaneamente o conjunto de “planos” discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, a intertextualidade ou as instâncias da enunciação (MAINGUENEAU, 2008, p.22).

Isso significa dizer que o vocabulário, o enunciado, a enunciação e a organização da comunidade discursiva passam por restrições que impõem critérios para a produção de um discurso. Essas restrições impedem que um sujeito possa construir um enunciado determinado a partir de quaisquer tempo e lugar para um coenunciador aleatório, a não ser que sejam válidos dentro da formação discursiva na qual estão inseridos. Além disso, mesmo preenchendo esses quesitos, essas restrições também impedem que um enunciado determinado seja construído de forma aleatória.

Essas restrições semânticas globais impendem que – para que o relatório de estágio tenha validade dentro da formação discursiva na qual se insere – ao enunciador e ao coenunciador sejam atribuídos qualquer estatuto que não legitimados pelo discurso. Por exemplo, para que esse dizer seja válido, essas restrições impedem que seja produzido por qualquer enunciador - que se posicione como um sujeito que não esteja integrado à disciplina de estágio de determinada instituição. Da mesma forma, impedem que se atribua qualquer estatuto aos seus coenunciadores – por exemplo, como sujeitos que não estejam inseridos na comunidade discursiva enquanto professor formador, cultura universitária etc. Além disso, impedem que os estagiários escrevam

de forma aleatória (informalmente, usar gírias etc.) e, sobre qualquer assunto, pois o tema deve ser relacionado com questões do ensino e aprendizagem e seus objetivos de pesquisa em sala de aula.

Para melhor compreensão sobre a análise dos relatórios a partir da concepção de prática discursiva, na próxima subseção, abordaremos separadamente dois planos (vocabulário e intertextualidade) apresentados por Maingueneau que sofrem restrições semânticas globais.

### **Restrições semânticas globais: o plano do vocabulário e o plano da intertextualidade**

Conforme começamos a discutir na seção anterior, a concepção de restrição semântica global, apontada por Maingueneau, restringe um conjunto de “planos discursivos”. Para apresentação nesta subseção, relacionando com a produção dos relatórios de estágio, destacaremos os seguintes planos para discussão: vocabulário e intertextualidade.

Ao discorrer sobre o plano do *vocabulário*, Maingueneau (2008) não está propondo que analisemos a palavra isolada dentro do discurso, visto que a mesma palavra pode ter sentidos diversos em diferentes discursos. Destarte, o autor explana que “além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008, p. 80). Assim, quando enunciadores (de determinada formação discursiva) selecionam certas unidades lexicais, em detrimento de outras, estão assinalando sua posição.

Isso pode acontecer, por exemplo, com a palavra “tradicional” nos relatórios de estágio. Dependendo da formação discursiva que o estagiário esteja inserido, a palavra “tradicional” – em vez de significar algo clássico ou habitual – pode ter um sentido pejorativo, similar a atrasado, retrógrado etc. Assim, se pegarmos o excerto 2 que analisamos, anteriormente, a partir da polifonia de Ducrot, quando dizemos que “a aula do professor é **tradicional**, mas, ainda assim, os alunos aprendem”, significa dizer que, na sua aula, esse professor não está atento às concepções de ensino defendidas por determinados teóricos, por documentos oficiais etc. com as quais o estagiário identifica-se no interior de sua comunidade discursiva. O sentido produzido neste caso demarca a posição do estagiário dentro de uma formação discursiva que o restringe.

A construção desse enunciado – a escolha da palavra “tradicional” e a contraposição ao fato dos alunos aprenderem – denuncia que o enunciador produz uma prática discursiva que seria tanto a de impor-se como alguém que não adere à determinada filiação teórica quanto à de excluir essa filiação teórica e aqueles que a utilizam. Ou seja, ao mesmo tempo em que marca sua posição como alguém que não faz parte da mesma filiação teórica que embasa o professor (caso contrário, provavelmente, não a reconheceria desta forma negativa), o estagiário procura excluir\discriminar a metodologia e aqueles que a utilizam como incapazes de ter bons resultados em sala de aula e que se esses bons resultados acontecessem, seriam apesar deles e não por causa deles.

O plano da *intertextualidade*, para o Maingueneau (2008), é a forma na qual cada campo discursivo aborda sua relação com os discursos internos e externos, sendo esses “citáveis ou não”. A intertextualidade com os discursos internos se dá entre um discurso e os discursos do mesmo campo discursivo e; com os discursos externos, acontece entre um discurso e discursos de outros campos. A partir das restrições semânticas que o restringem, cada campo tem sua própria maneira de utilizar-se desses discursos, de dar destaque a um em detrimento ao outro, de tratar alguns de forma pejorativa etc.

Interessante observar que, em muitos relatórios que analisamos, percebemos o destaque de um discurso em detrimento do outro de acordo como a formação discursiva a qual pertence o estagiário. Como exemplo de intertextualidade com discursos internos, podemos nos referir aos discursos sobre o que trabalhar em sala de aula, como esse trecho de um relatório:

- (4) Desse modo, tais observações nos levaram a perceber algumas práticas docentes, arraigadas no **tradicionalismo**, que ainda perduram nas escolas, como a relevância de um ensino de **gramática descontextualizado, exercícios de fixação**.

Neste excerto 4, similar a muitos relatórios que analisamos, notamos que o ensino e aprendizagem a partir do texto é valorizado, independentemente da forma como ele é trabalhado. Por outro lado, em sua maioria, o trabalho em sala de aula embasado nas normas gramaticais da língua portuguesa é visto de forma pejorativa, “tradicional”, sendo aceitável desde que preencha determinados critérios, como: produção de sentidos dentro de um texto, desde que não seja “descontextualizado” etc. Assim, a forma com é abordada a relação entre esses discursos internos

sobre o que e como se deve trabalhar a língua portuguesa em sala de aula, neste trecho, apresenta o posicionamento do estagiário, como enunciador, dentro de uma comunidade discursiva a partir da formação discursiva que a circunscreve.

Percebemos, desta forma, que o enunciado materializa uma prática discursiva na qual o enunciador demarca seu lugar no interior de uma concepção teórica que defende o uso de determinado objeto de ensino e de uma metodologia específica que devem ser usados em sala de aula e discrimina\exclui concepções divergentes e aqueles que são filiados a elas. Em outras palavras, podemos perceber que o enunciador põe-se na posição de alguém que destaca a importância de se trabalhar a língua portuguesa a partir do texto, ao mesmo tempo, que aceita o uso da gramática desde que seja estudada no interior desse texto, isto é, seja “contextualizada”. A utilização, por parte de professores da escola, de uma gramática “descontextualizada”, é descrita de forma pejorativa, como algo “arraigado ao tradicionalismo”, neste momento, tanto o objeto de ensino (a gramática) como a metodologia (trabalhar a gramática de forma “descontextualizada” e a utilização de “exercícios de fixação”) são excluídas como ineficientes.

### **Considerações Finais**

Neste texto, procuramos demonstrar como o conceito de prática discursiva pode ampliar a percepção em nosso estudo do que seja a produção, a circulação e a recepção de um relatório de estágio, cuja análise estava sendo feita com base nos conceitos de dialogismo e polifonia. Para isso, apresentamos teóricos como Bakhtin\Volochinov (2010), Ducrot (1987) e Maingueneau (1997, 2008). Para esse recorte, destacamos o estudo feito com registros pedagógicos produzidos no Estágio III por graduandos da turma de Letras da UFPA *campus* de Marajó-Breves.

Apresentamos como objetivo geral uma reflexão sobre a construção linguística nos relatórios de estágio como produção de sentido em determinada prática discursiva, relacionando com as concepções de dialogismo e polifonia. Para alcançar esse objetivo, em primeiro lugar, procuramos apresentar uma breve discussão de nossos dados a partir dos conceitos de dialogismo (Bakhtin\Volochinov) e polifonia (Ducrot). Observamos, nessa apresentação, os sentidos que a construção linguística proporciona a partir do estudo do relatório.

Em seguida, identificamos a concepção de prática discursiva e restrições semânticas globais defendidas por Maingueneau. A partir dessas concepções propusemos uma discussão sobre o relatório de estágio a partir das condições de sua produção e das restrições sofridas nos planos do vocabulário e da intertextualidade.

Conforme observamos, através de discussões apresentadas ao decorrer do texto sobre a produção de relatórios de estágio, existem diferenças nas análises que se embasam em dialogismo de Bakhtin e polifonia de Ducrot e, aquelas que tomam como norte a concepção de prática discursiva de Maingueneau. Essas destacam um “olhar” para as possibilidades e restrições semânticas globais que permitem determinado “dizer” dentro de uma dada comunidade discursiva, aquelas procuram observar o relatório a partir de sua produção de sentidos como resultado da interação entre locutores e dos pontos de vista existentes no próprio escrito. Através desse estudo, conseguimos perceber que a relação entre as concepções de dialogismo, polifonia e prática discursiva pode ajudar-nos na análise dos dados.

Ao relacionarmos a análise proposta entre as concepções utilizadas em nossa pesquisa e a concepção de prática discursiva de Maingueneau, procuramos mostrar que essa pode ajudar a expandir a análise que já vínhamos propondo em nossa pesquisa. Assim, se, por um lado, a partir das concepções de dialogismo e polifonia, nosso olhar se direcionava ao relatório de estágio, procurando destacar os indícios de interações existentes e pontos de vistas diversos que se apresentavam, por outro lado, sob a perspectiva de Maingueneau, abriu-nos uma possibilidade de análise que amplia a discussão sobre aquilo que norteia, permite e restringe a constituição linguística desses relatórios.

Podemos exemplificar com a análise que fizemos do enunciado “a aula do professor é tradicional, mas, ainda assim, os alunos aprendem”. Neste excerto, observamos que, além dele apresentar indícios da construção de um ponto de vista (destaque para o aprendizado dos alunos) e de um diálogo entre o locutor com interlocutores reais e\ou prováveis (dialogismo inerente à linguagem), demarca um posicionamento (o locutor filia-se a concepções teóricas diferentes do professor etc.) dentro de uma comunidade discursiva a partir de uma formação discursiva que o circunscreve.

Assim, procuramos expandir nosso “olhar” sobre o relatório de estágio ao analisarmos o que o estagiário “diz” através de sua escrita, pois, procuramos observar, também, porque ele “diz o que diz” no interior de determinada comunidade discursiva. Assim, esperamos que, a partir da relação entre esses conceitos (dialogismo, polifonia e prática discursiva), possamos produzir uma discussão mais ampla sobre o relatório de estágio e que nos auxilie a melhor compreender nosso objeto de pesquisa, sua produção e os sujeitos envolvidos nesse processo.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. A interação Verbal. In. \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14 ed., São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 114-132.

CNPq (458449/2014-8)\(Chamada Universal MCTI/CNPq nº 14/2014). **Projeto de Pesquisa**: A escrita sobre as práticas de ensino em licenciaturas do Brasil, da Costa Rica e de Honduras: registro, análise e produção de conhecimento (FAIRCHILD, Thomas Massao). Brasil, Costa Rica e Honduras: 2014.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In. \_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, p. 161-222.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gêneses do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.